

Scholem Aleichem

A paz seja convosco!

JACÓ GUINSBURG

Professor titular de Estética Teatral e Teoria do Teatro na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), escritor, tradutor e editor, diretor-presidente da editora Perspectiva

RESUMO A obra de Scholem Aleichem não foi exceção no destino que a riquíssima ficção iídiche teve com o desaparecimento dos grandes centros da cultura asquenazita na Europa Oriental e a sua conseqüente aculturação aos países para onde emigraram. Se o destino dos “clássicos” da literatura iídiche foi restringir-se às bibliotecas especializadas e às consultas acadêmicas, o da obra de Scholem Aleichem foi, uma vez desaparecidos seus primeiros leitores, restringir-se a não mais que contatos eventuais no idioma original ou a traduções parciais. Sua popularização deu-se com o musical *O violinista no telhado*, adaptado de sua novela *Tevie, der Milkhiker*. O imaginário ficcional de sua obra inspira-se no mundo de criaturas dos *shtetlekh*, cidadezinhas judaicas nos interiores do Império Russo, compondo um retrato coletivo, uma crônica literária dessas pequenas cidades do Leste Europeu e dos judeus que nelas viviam. E tudo isto com o traço fino da sua veia humorística, *esta risonha terapêutica* que se suavisa na qualidade poética. Autor de contos e novelas imortais, deixa um legado que transpõe as fronteiras do iídiche, tornando-se não só um clássico da literatura nesta língua, mas um “herói cultural” dos judeus asquenazitas.

PALAVRAS-CHAVE Scholem Aleichem, literatura iídiche, crônica do judeu do *shtetl*, Humor judaico.

ABSTRACT Scholem Aleichem's work was not an exception in the fate which took the rich Yiddish fiction after the disappearance of the major centers of Ashkenazi culture in East Europe and its further acculturation in the countries they emigrated to. If the destiny of the “classics” of Yiddish literature was to become restricted to specialized libraries and academic researches, Scholem Aleichem's work's one was, once disappeared his first readers, to become restricted to either eventual contacts in its original language or partial translations. Its popularization came with the musical *Fiddler on the roof*, adapted from his novella *Tevie, der Milkhiker*. The fictional imaginary of his work is inspired in the world of the characters of the *shtetlekh*, small Jewish towns in the Russian Empire, composing a collective portrait, a literary chronicle of these small towns in East Europe and the Jews who lived in there. He did this with the fine account of his humoristic vein, this *therapeutic laugh* which is softened in the poetic quality. Author of immortal short stories and novellas, Scholem Aleichem leaves a legacy that transposed the frontiers of Yiddish literature and becomes not only a classic of the literature in this language but also a “cultural hero” of Ashkenazi Jews.

KEYWORDS Scholem Aleichem, Yiddish literature, chronicle of the Jewish people of the *shtetl*, Jewish humor.

COM O DESAPARECIMENTO DOS GRANDES CENTROS DA CULTURA ASQUENAZITA NA EUROPA Oriental e a progressiva aculturação aos países que receberam maciças levas de imigrantes dessa procedência, a impressionante produção literária em iídiche e, com ela, os seus “clássicos” viram-se relegados à permanência em bibliotecas especializadas e, só de vez em quando, às consultas acadêmicas.

Tampouco a obra de Scholem Aleichem escapou a esse destino. Desaparecidos os seus primeiros leitores, que a trouxeram e a leram como parte de sua bagagem cultural, as gerações que os sucederam tiveram com ela apenas contatos ocasionais no idioma de origem ou em traduções que a divulgaram parcialmente, pelo menos no âmbito bra-

sileiro. Um pequeno empuxo neste sentido resultou da encenação de *O violinista no telhado*, adaptado nos Estados Unidos da novela *Tevie, der Milkbiker* e, mesmo esta, pouco teve a ver com uma leitura mais aprofundada do original. Ela foi um fruto tardio do musical da Broadway e uma boa porção de seus espectadores, lá como aqui, ignorava o nome do escritor que a compôs. Portanto, se se pergunta agora, aos 150 anos do nascimento de Scholem Rabinovitch,¹ como se pode homenagear a produção deste mestre da narratividade judaica em iídiche, a resposta só pode ser uma: lendo-o. Se possível, no idioma original, mas, mesmo em tradução, quero crer, o encontro será gratificante. Pois, é na relação viva com esta escritura que o leitor dificilmente poderá escapar do mágico convite para que adentre, em envolvente caminhada, o universo ficcional que lhe abre o cordial Scholem Aleichem. Hoje, como ontem, ele lhe atualizará com o seu gênio de cenógrafo literário as mil e uma histórias da vida judaica pelo sopro pulsante que inspira às suas reencarnações como *persona* das criaturas que a viveram nas vielas lamacentas do *shtetl*, da cidadezinha judaica nos rincões estagnados do Império Russo, mas também sob os ventos que começavam a varrê-los e iriam de algum modo destruí-los. Ao toque de sua tradicional, mas indeclinável saudação, elas saltam dos caracteres que as personificam para a imaginação do receptor, com a plena tipicidade de seus gestos e expressividade de suas falas, sob as barbas que os profetas lhes legaram em testemunho de seu pacto eterno com a palavra feita criatura: Scholem Aleikhem.

Menakhem Mendel, Scheine Scheindel, *Tevie, der Milkbiker* (o leiteiro), Motel Peisse dem Hazen's (filho do chantre) e todos os *kasrilevskers* inclusive Rabtchik, o cão, Scholem Aleikhem!, e a resposta Aleikhem Scholem! (Convosco seja a Paz!) é o que se ouviu desde que essa cordial expressão soou nas

colunas do *Iidisher Folksblat*² (Folha Popular Iídiche) em 1883, iniciando com o seu público um colóquio que, num fluxo loquaz de contos, romances, peças, novelas, sueltos jornalísticos, preencheria cerca de setenta volumes, que atravessaria o Atlântico e que não cessaria sequer em 1916, quando Scholem Rabinovitch faleceu em Nova York. Na verdade, não só enquanto houve na Europa Oriental e nos quatro cantos do mundo grupos densos de falantes do iídiche, porém mesmo posteriormente, depois que grande parte desta recepção dialógica foi sufocada nas câmaras de gás, o poder desta voz, a pena encantatória de seus relatos, de suas personagens, de sua filosofia, de seu humor, se manteve como presença sensível pela arte de sua invocação ficcional, que tem se mostrado capaz de transmitir o seu Scholem Aleikhem não só em hebraico como na maioria das línguas em que foi traduzido e retransmitido. Trata-se então do legado de um autor que no seu ambiente, graças a seu estro, foi capaz de fixar um afresco indelével e irrecusável de seu universo real e imaginário e, nesta medida, fixar-se como clássico de uma literatura. Ou para dizê-lo em outros termos, permito-me transcrever, a seguir, um pequeno texto interpretativo publicado em outro contexto (ALEICHEM, 1966, p.41-44).³

Na literatura judaica, assim como em quaisquer outras, poucos escritores conheceram a popularidade de Scholem Aleichem (“A paz seja convosco”), cuja voga e aceitação – no mundo judeu, desde a saída dos primeiros contos nas últimas décadas do século XIX e para além das fronteiras do iídiche, cada vez mais à medida que se difundiam seu livros – só encontra paralelo no destino literário de um Cervantes, de um Dickens, de um Mark Twain ou de um Gogol. E é com eles, aliás, que sua obra se relaciona, quer pelo poder de identificar uma coletividade que nela se reencontra e se reconhece, quer pela magia artística que universaliza, através do hu-

mor, do grotesco, do tragicômico, do psicologicamente mais sutil e típico de um grupo, expondo-o em traços incisivos e irrecusáveis. E, como eles, soube converter essa aguda observação e crítica de uma sociedade e de uma época em personagens tão definitivas e definidoras, em situações tão características, que o tempo e o lugar não conseguem mineralizá-las; mas, ao contrário, as renovam, porque se defrontam com um universo artístico inteiramente constituído, cuja validade estética assegura não só a sobrevivência de sua simbologia e de sua força comunicativa como a sua reimpregnação humana, revalorização social e reinterpretção literária.

Entretanto, e novamente como no caso daqueles gigantes da criação, todas as analogias terminam aí, nos limites dos aspectos mais gerais. Isto porque o seu vigor e perenidade nascem exatamente dos fatores que os distinguem da massa da produção beletrística e os transformam em momentos particulares do processo de autoconsciência histórica e cultural de um grupo. É o que sucede também com Scholem Aleichem. Sua obra apresenta-se ferreteada pela vida judaica da Europa Oriental. Não se trata de uma integração procurada, ajeitada e no fim de contas meramente literária, cindida por uma vala profunda entre sujeito e objeto, entre autor e tema, mas de um modo de ver, de sentir, de pensar e relatar como se todo aquele mundo falasse por uma só boca e escrevesse com uma só pena. É um impressionante fenômeno em que a criação individual se transmuda na representação coletiva, a palavra poética no *gestus* social.

Na ficção iídiche, outros o superaram talvez quanto ao apuro estilístico, ao requinte psicológico, às preocupações filosóficas, à análise das circunstâncias socioeconômicas ou à participação política. Mas ninguém como ele conseguiu captar e fixar – em flagrantes em que a comicidade das palavras é a máscara de situações e problemas aflitivos – o re-

trato coletivo das pequenas cidades judaicas, com a sua humanidade oprimida e sofredora, oculta nos gabardos do atraso e da resignação, refugiada na espessa escuridão da ortodoxia religiosa ou na atmosfera fantasmagórica do misticismo hassídico, com as suas maravilhas cabalísticas e rabis milagreiros, mas ao mesmo tempo pitoresca, colorida, cheia de tipos e histórias saborosas, onde o folclore, o provérbio e o modismo campeiam livremente. Como se acabasse de chegar da sinagoga ou do banho público, da praça ou da feira, da festa ou da estalagem, acompanhado de sua gente, o extraordinário cenógrafo do *shtetl* instala-os em seus contos e novelas, em seus monólogos e comédias, e pedelhes que continuem a desfiar seus casos. Eles próprios se inserem de corpo inteiro, como personagens, na ficção e no teatro, constituindo-se em imenso afresco de uma sociedade. Ainda hoje, depois de despovoado pela emigração, de triturado pelas máquinas e pelos tanques e soterrado sob as cinzas dos crematórios, esse mundo ressurgiu, vivo e gesticulante, a língua desatada por impressionante oralidade, com toda a galeria de homens barbudos e sonhadores, de mulheres realistas e palradoras, de crianças ávidas de infância, sob o condão do feiticeiro de sua eternização. Com seu sorriso benevolente, em que a poesia da ingenuidade se alterna com o humor da marginalidade e a filosofia da tristeza, reanima suas existências humildes nas ruelas das Karsilevkes imaginárias, porém mais duradouras do que as pedras de seus modelos reais. Na sua imensa compreensão, consola-lhes as mágoas de humilhados e ofendidos, fá-los rir de si próprios e de sua desgraçada conjuntura, estende-lhes o seu cordial, largo e humano *scholem aleikhem*, a paz seja convosco!

Esta acolhedora saudação não significa, porém, cegueira diante do espetáculo que lhe oferece o seu povo. Se o descreve com carinho e bonomia, tam-

bém não lhe poupa a crítica. Embora não chegue ao sarcasmo de um Mên dele ou à ironia desdenhosa de um Péretz, que com ele formam o trio magno das letras ídiches, desnuda e aponta o caráter obsoleto das formas de vida desses guetos, seu trágico desarmamento perante as tormentas das modernas transformações sociais e políticas que lhes solapam os próprios alicerces. Em face da caudal irresistível que a economia capitalista, a estrada de ferro, o telégrafo e o jornal começam então a introduzir nos vilórios medievais, com suas comunidades esquecidas e sonolentas, o que pode oferecer o judeu de Kasrilevke, senão o fatalismo forte, estoico, belo, mas indefeso de um Tobias, o Leiteiro? Ou a irrealidade econômica, a alienação social de um Menakhem Mendl, o protótipo do *luftmentsch*, o símbolo pungente, na sua pureza e na sua imaginação desenfreada, do *status* de uma pequena-burguesia rural, sem preparo nem profissão, inopinadamente atirada ao mar bravo da cidade grande, delirando com sensacionais operações financeiras, golpes de Bolsa, sociedades anônimas, e, na verdade, vivendo a miséria de um cotidiano sem base nem perspectiva, que lhe denega tudo exceto a quimera? E se nesse processo algum *kasrilevker*⁴ enriquece, surge então o inevitável e inviável novo-rico de Iehupetz (Kiev), com suas fumaças de grande financista, com as casas coruscando de mau gosto e as filhas que só falam russo ou francês, tocam piano, senão pianola, e só se casam com um *g(u)ekontzitent*, “formado” ou doutor.

Mas considerar a obra de Scholem Aleichem, esta crônica incomparável de *el ingenioso judeu* do *shtetl* e de suas andanças primeiras pelas terras da modernidade, tão-somente sob o prisma do desmascaramento social, por mais gritante que seja, seria empobrecê-la demasiado. Na verdade, seu realismo crítico, que se vale da ironia militante, da caricatura pedagógica, para mostrar absurdos e ridículos, jamais é impiedoso, intransigente. Contém

sempre certa indulgência, uma compaixão para com os disparates da comédia humana tomada em si, o que ameniza a causticidade de suas flechas, tornando-as portadoras não só de zombaria letal como também de humor lenitivo, de chiste cristalino, cujo efeito burlesco resulta, quando muito, na autoexposição catártica, na purgação autocrítica, conforme a conhecida receita de Scholem Aleichem: “Rir faz bem. Os médicos mandam rir!”

Esta risonha terapêutica de males às vezes incuráveis resulta, sem dúvida, de uma identificação com o espetáculo à sua volta que dosa a razão do entendimento com a empatia do sentimento. Daí a complacência e a ternura com que o aprecia. É um apiedar-se do eu-próprio, indistinto do nós-próprios, que pode eventualmente suscitar formas de expressão ainda mais sutis. A veia humorística afila-se então em nervura poética. O processo de autocompadecimento suaviza-se ainda mais, transfere-se para um novo domínio, onde elabora um segundo elemento peculiarmente scholem-aleichemiano: o fio “surreal” que urde, não o sardônico *riktus* do humor gogoliano, porém um lirismo chagalliano, onírico, um manso delírio de purezas e inocências, nostalgia de um “paraíso perdido”.

É assim que, pelo “riso entre lágrimas”, o mestre cenógrafo vai representando as modalidades judaicas de seu tempo, primeiro em sua face estancada e, em seguida, em seu movimento de translação e radicação sob outros céus, como disse o crítico Salomon Resnick.⁵ Ele as encarna num caleidoscópio de figuras que, hoje ainda, desvanecida a realidade do mundo que as inspirou, inspiram um mundo real, imperecível, em que se inclui também o seu criador, tão personagem quanto suas personagens, autêntico “herói cultural”.

NOTAS

1 Sholem Aleichem é o pseudônimo mais conhecido de Sholem/Salomon Rabinovitch, nascido em Pereyaslav, na província Poltava da Rússia, em 18 de fevereiro ou 2 de março de 1859 (de acordo com o calendário judaico; seu nascimento ocorreu em 26 Adar de 5619) ("Biography of Sholem Aleichem" in www.jewishprograms.org).

2 De acordo com a entrada "Sholem Aleichem" no eBook *The Universal Jewish Encyclopedia*, Vol. 9, p. 516, a maior parte das obras deste autor foi escrita em iídiche, começando com seu primeiro conto *Tovei Shteiner* (Two Stones), publicado no *Folksblat* de St. Petesburg, em 1883. Um breve texto escrito anonimamente por Sholem Aleichem refere o nascimento deste jornal no ano judaico de 5642 (1881) e seu desaparecimento em 5651 (1890) (in *Mendele: Yiddish literature and language*, Vol. 5.013, May 24, 1955 – <http://www.ibiblio.org/pub/academic/languages/yiddish/mendele/vol5.013> – Consulta em 15/11/2009). O título do texto é *Nekrolog: Dos Yidishe Folks-Blat iz Geshtorbn* (Obituary: The Jewish People's Paper has died) e foi escrito com muito humor.

3 Trata-se do livro *A paz seja convosco*, por mim organizado e publicado na Coleção Judaica, com prefácio de Otto Maria Carpeaux, e que constitui a única reunião de textos de Scholem Aleichem publicada em português.

4 Habitante de Kasrilevke.

5 Salomon Resnick (1894-1946), historiador, escritor e filósofo judeu argentino de origem russa, traduziu diversos textos do iídiche para o espanhol.

REFERÊNCIAS

ALEICHEM, Scholem. *A Paz seja Convosco*. Organização, tradução e notas de Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1966.